

figurino

[FAUSTO VIANA
E ROSANE MUNIZ]

Fausto Viana é figurinista, cenógrafo e pesquisador. Professor Livre-docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Coordenou o projeto de catalogação do acervo de figurinos do Theatro Municipal de São Paulo. Participa do projeto de pesquisa *As tramas do café com leite*. Colabora com o blog www.vestindoacena.com
E-mail: faustoviana@uol.com.br

Rosane Muniz é jornalista, atriz e autora do livro *Vestindo os nus – o figurino em cena* (Senac Rio, 2004). Mestranda em Artes Cênicas (ECA-USP) com a pesquisa *A trajetória de Gianni Ratto na indumentária*. Faz parte do corpo docente do Bacharelado em Teatro do Centro Universitário Senac. Mantém o blog www.vestindoacena.com
E-mail: romuniz@gmail.com

[26]

A emoção nas roupas

Pontual, mas temerosa, Madame Perle aguarda atrás da porta do consultório, hesitante com a nova situação. Assim que entra em cena, sorrateira, a platéia percebe seu andar contraído, os gestos contidos de uma típica mulher francesa, classicamente vestida. Uma saia de pregas *piéd-de-poule*, uma discreta blusa e um casaco, que um dia foi marrom.

Madame Perle carrega nos cabelos uma flor enorme, que um dia foi branca. A flor talvez cubra metade de sua cabeça, que é envergada, típica de algumas mulheres muito idosas. Tem tiques nas mãos e na língua, e a boca enegrecida. Serão dentes estragados? Ou a idade atuando implacável? A voz é gutural, grave, mas ao mesmo tempo não assusta. Madame Perle um dia foi saudável. Não é mais.

É justamente nesse momento da vida, no espetáculo *Les éphémères*, do Théâtre du Soleil ^[1], que ela entra em cena. Criação da atriz iraniana Shaghayegh Beheshti, a personagem começou a ser concebida em Cabul, no Afeganistão, durante um workshop que a diretora Ariane Mnouchkine e



Perle no hospital com a dra. Nelly Altunian, vivida pela atriz Juliana Carneiro da Cunha.

a trupe do Théâtre ministraram a um grupo de artistas locais. A proposta era inserir o teatro em uma sociedade destruída pela guerra e perceber como a arte dramática poderia contribuir para a reconstrução do lugar.

Shasha, como é chamada a atriz, desenvolveu a personagem Perle a partir de improvisações sobre a Commedia dell'Arte, gênero teatral baseado no improviso e nascido na Europa Medieval. Em Cabul, em 2005, nasceu primeiro a voz da velha senhora, que, independentemente do que diga, já conta grande parte da história. Em um dos ensaios, Ariane recomenda: "É necessário colocar no seu corpo o mesmo tesouro de meticulosidade que você coloca no seu cenário, no seu figurino (...) é necessário ver fisicamente, ver com o seu corpo. Isso também é um estado...!"^[2]

E a atriz Shasha consegue, com maestria, nos emocionar nesta gestação, que dura mais de três anos. Até chegar ao espetáculo, foram mais de dez meses de ensaio de um processo colaborativo – como se diria no Brasil, mas que para Ariane é realizado "por um grupo de amigos que se reúne pra fazer teatro".

O que o público não fica sabendo é como a criação dos trajes é feita. O processo tem início já nos primeiros ensaios, quando os atores vão propondo diversas composições de vestimentas. Uma criação coletiva vai direcionando o todo ao resultado final. No caso de alguns espetáculos anteriores do Soleil, os trajes eram propostos pelos atores e finalizados pelas figurinistas Nathalie Thomas e Marie-Hélène Bouvet. O processo de intercâmbio sempre foi marcante: o ator propõe a roupa que expresse suas necessidades artísticas; Marie Héléne, especialista em materiais, escolhe o melhor tecido para confecção; Nathalie Thomas, com formação de figurinista pela École Nationale Supérieure des Arts et Techniques du Théâtre (ENSATT), em Lyon, faz o corte e a montagem.

Nesse caso, em particular, houve curiosidades singulares, diferentes do procedimento descrito acima, mas que também estiveram presentes no processo criativo. A atriz, Shasha, a partir da voz, foi descobrindo e criando tudo. Encontrou as roupas no acervo colocado à disposição por todos da trupe, teve a idéia de maquiar as pernas por baixo das meias, enfim, deu vida a Perle. Mas esse caso é apenas um deles.

Um traje, conforme sugere o ator George Bigot, ex-integrante do Soleil, precisa ter história. Bigot pedía que sua vestimenta fosse executada com tecidos antigos, porque isso o ajuda a criar suas personagens. Há uma energia impressa nela que o transforma em um grande suporte para a atuação do ator, que faz, acima de tudo, a criação de uma vida no palco. Como diz Ariane, o teatro que ela faz é para emocionar. Seus atores e seus trajes têm que sensibilizar. Tocar na diversidade, já que (...) há cenas que são como pequenos incêndios, outras como inundações ou tempestades, há cenas que são como no riacho que passa, e outras que são como uma pedrinha no sapato, que faz um pequeno corte na planta dos pés.

A história de Perle recebeu uma verdadeira carga de vida através de seus trajes. A personagem vai ao hospital, pois acredita, em processo de delírio controlado, que está grávida, pelas dores que sente. O público ri, aflitivamente, pelo improvável da situação. Saberemos mais tarde que se trata de um câncer violentíssimo no intestino e, aí, fica apenas o registro do riso anterior. Novos momentos de descontração surgirão, como quando ela pede à médica que ligue para uma agência de viagens e compre uma passagem para, juntas, visitarem a Mesopotâmia. Nesse momento, efêmero, como o título do espetáculo sugere, a médica liga para um outro andar do hospital e faz a simulação das "reservas". A paciente, muito aliviada, aceita o tratamento. Um instante quase comum que, por esse breve relato, aparentemente pode não ter nada de teatral. Ao contrário, nessas cenas mais habituais, comuns da vida, é que se encontram os instantes mais belos e mais tocantes não só desta personagem, mas de todo o espetáculo.

A bolsa da qual Perle não desgruda traz em seu interior o peso de sua vida. Um pequeno gesto que mostra grandes sentimentos. Ariane, ao dirigir, recomenda que



A atriz Shaghayegh Beheshti.



A transformação visual de Shasha com a maquiagem da personagem.

cada objeto deve ser "a testemunha de um mundo, de um instante, de um odor". Desse modo, esse objeto pessoal revela a sensação de perda, a consciência da morte e nossos apegos materiais. Afinal, ali dentro, mesmo que invisível para o público, podemos realizar uma "autópsia do real". Como a própria diretora diz, os objetos devem servir como um desencadeamento, um disparo para sentimentos que são nossos e não uma viagem dentro da memória de cada personagem. Mesmo assim, os seus figurinos acabam por realizar uma função dupla. Fora de seu *habitat*, na frieza de um consultório médico e de um hospital, os trajes de Perle "são a pele de sua alma e daquilo que a atriz imprimiu nela", exprimindo o caráter da personagem. A leitura que fazemos, pelas emoções nascentes, são reveladoras de nós mesmos.

Perle vai aparecer, em sua última cena, já no hospital, com um robe. Rabugenta e hesitante em aceitar um banho para receber a surpresa que viria a seguir, ela e sua roupa branca transmitem a necessidade asséptica de um instante melancólico, aparentemente limpo de sua história, que se contradiz em seguida, quando percebemos que a paciente defecou – pois ela já perdeu o controle do intestino –, revelando a vulnerabilidade do ser humano. O emocionante é que a personagem, nesse espaço constrangedor, nos transporta a um momento nosso, a nossa própria melancolia ao vivenciar uma situação dessas, que passou ou, eventualmente, pode acontecer.

A médica, que se tornou sua amiga, está ali. Era a surpresa tão esperada. A solidão de Madame Perle teve fim com um relacionamento de rara delicadeza. Mais uma vez, o público não sabe, mas praticamente todas as roupas de Perle vieram da mãe da figurinista Marie-Hélène, que foi internada em um asilo e não tinha mais casa para deixar suas vestes. A saia *pied-de-poule*, o robe... estavam mesmo impregnados de histórias, possivelmente muito próximas.

É por meio da emoção, com uma agudeza psicológica típica de Bergman, que os sentimentos propostos pelos detalhes dos figurinos do Théâtre du Soleil trazem à tona contrastes de grande força espiritual, ajudando na educação dos nossos sentimentos.

Notas

Fausto Viana estudou os figurinos do Théâtre du Soleil na sua tese de doutoramento e se deliciou no convívio com o grupo durante toda a temporada em São Paulo. Rosane Muniz responsabilizou-se por fotografar os bastidores. Ambos organizaram um workshop com as figurinistas francesas para os alunos de graduação e pós-graduação da ECA-USP.

^[1] Fundado em 1964 como uma "Cooperativa de produção de trabalhadores", o Théâtre du Soleil (não confundir com o Cirque du Soleil, que é canadense), grupo de teatro francês, tem como diretora Ariane Mnouchkine, chave do desenvolvimento artístico da trupe. Em 1970, o grupo inaugurou sua sede na Cartoucherie de Vincennes, um grande galpão no subúrbio de Paris. Os seus membros, com mais de 30 nacionalidades, entre eles a brasileira Juliana Carneiro da Cunha, ganham o mesmo salário e se revezam em todas as funções, não só atuando, mas também colaborando com a cozinha, o bar, a bilheteria etc.

^[2] As citações que constam neste ensaio foram extraídas das *notes de répétitions* (anotações de ensaios) de Ariane Mnouchkine, recolhidas por Charles-Henri Bradier em um pequeno caderno, anexado ao programa do espetáculo.